



HOMENAGEM Conmebol faz sugestão inusitada sobre os títulos de Copa do ídolo

Tributo ao Rei Pelé

JOÃO VÍTOR MARQUES
MARCOS PAULO LIMA
Enviados especiais

João Vitor Marques/EM/D.A. Press



Lutando contra um câncer, o histórico jogador está internado em um hospital de São Paulo desde 29 de novembro

Doha — No domingo sem jogos da Copa do Mundo do Catar, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) prestou homenagem a Pelé na capital Doha e fez uma sugestão um tanto inusitada à Confederação Brasileira de Futebol (CBF): trocar três das cinco estrelas do escudo por corações.

A eventual mudança seria uma espécie de tributo ao Rei, tanto pelo lugar onde nasceu quanto pelo tricampeonato mundial. Edson Arantes do Nascimento foi registrado na cidade de Três Corações, em Minas Gerais, em 23 de outubro de 1940. Como jogador, participou da conquista de três dos cinco títulos do Brasil na Copa do Mundo (1958, 1962 e 1970).

A homenagem foi proposta em um momento em que o eterno camisa 10 da Seleção Brasileira está internado no Hospital Albert Einstein, em São Paulo. Aos 82 anos, o ex-jogador trata um câncer de cólon. A CBF vai analisar a sugestão, embora a chance de a mudança ocorrer seja pequena.

“Agora, neste momento, em que ele está lutando uma outra partida, queremos fazer este reconhecimento e propor à CBF que substitua três das cinco estrelas por três corações em nome de onde vem o Pelé, de onde ele nasceu, de onde nasceu o encanto, o futebol e o jogo bonito”, disse o presidente da Conmebol, o

paraguaio Alejandro Domínguez. No evento, a Conmebol exibiu imagens, vídeos, uma escultura e outras instalações em homenagem ao Rei. O que mais chamou a atenção foi uma camisa da Seleção Brasileira com o escudo da Confederação Brasileira de Desportos (CBD, a antiga CBF) já com os três corações bordados no lugar de três das cinco estrelas.

“É uma responsabilidade da Conmebol e de vocês (imprensa) transmitir para as próximas gerações o que Pelé fez, quem é o Pelé, o que ele fez pelo futebol

sul-americano e pelo futebol mundial. Sem dúvida alguma, há um antes e um depois do Pelé no futebol do mundo inteiro”, completou Domínguez.

Nenhum ex-jogador brasileiro esteve no evento, apesar dos convites da Conmebol. Os ex-ataletes que participaram são argentinos: Javier Zanetti e Nery Pumpido, secretário-geral adjunto e diretor de desenvolvimento da Conmebol. “É uma homenagem importante. Como argentino, é uma honra e um orgulho estar aqui, porque Pelé para mim não

tem bandeira. Foi um jogador extraordinário, um dos melhores do mundo. Hoje, que está passando por um momento difícil da sua vida, desejamos de coração toda a força”, disse Zanetti.

O evento foi realizado na “Conmebol Tree of Dreams” (Árvore dos Sonhos, em português), espaço da entidade sul-americana em Doha durante a Copa do Mundo realizada no Catar. A exposição em homenagem a Pelé segue aberta ao público e conta com fotos históricas, escultura e outras instalações.

DRIBBLE DE CORPO NA COPA



Por Marcos Paulo Lima

Quando um não quer, dois rivais não brigam

Hoje deveria ser a véspera de matar a saudade do superclássico entre Brasil e Argentina em mundiais. Incrível. As duas seleções não se enfrentam na Copa desde as oitavas de final de 1990, quando Maradona arrancou com a bola dominada, enfileirou marcadores e serviu Caniggia. Ele driblou Taffarel e despachou o time de Sebastião Lazaroni, em Turim, na Itália. Lá se vão 32 anos. Não faltaram oportunidades de reencontro. Porém, uma das duas potências sempre frustra a expectativa.

Poderia ter acontecido em 1994, por exemplo. O chavamento indicava o confronto nas semifinais. No entanto, uma Argentina abalada pela saída de Diego Armando Maradona da competição por causa de doping fez o time alviceleste desandar. Sem o camisa 10, os bicampeões foram eliminados pela Romênia nas oitavas de final.

Quase rolou em 1998. O Brasil fez a parte dele. Eliminou a Dinamarca. No outro confronto, a Holanda superou a Argentina por 2x1 com direito a golão de Bergkamp. A Laranja Mecânica avançou às semis e perdeu nos pênaltis para a Seleção.

Os arquirrivais ficaram próximos de decidir a Copa do Mundo pela primeira vez em 2014. O Brasil tinha de passar pela Alemanha em uma semifinal. A Argentina era obrigada a passar pela Holanda. A Seleção passou o maior vexame em 108 anos de história e viu o adversário colocar os pés em cima da mesa da sala e jogar a final, no Maracanã, contra a Alemanha.

Há quatro anos, Argentina e Brasil estavam novamente no mesmo braço da tabela. Ai, a trupe de Jorge Sampaoli caiu diante da França na oitavas. O Brasil chegou às quartas e rodou contra a Bélgica. O superclássico estava desenhado para as semifinais. Só que não.

Pensamos que este seria

o ano. Tudo caminhava para isso até o Brasil ter a posse de bola contra a Croácia vencendo por 1 x 0, perdê-la e ceder contra-ataque letal puxado por Modric e com a assistência de Orsic para Bruno Petkovic levar a decisão para os pênaltis.

A Copa do Mundo viu o duelo entre Zico e Maradona em 1982. Testemunhou o confronto entre Careca e Maradona, parceiros de Napoli, nas oitavas de final de 1990. Essa era a última chance de um mano a mano entre Neymar e Messi. O brasileiro tem dúvidas sobre a permanência até 2026. Inclusive cogitou que essa seria a saideira.

Messi está na iminência de levar a Argentina ao tricampeonato e encerrar jejum de 36 anos desde a genial conquista liderada por Maradona, em 1986. Brasil e Argentina brincam de gato e rato. Quando um não quer, dois não brigam.

W.O.

Por falar em Brasil e Argentina, que vergonha a ausência de ex-jogadores do Brasil na homenagem da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) ao Rei Pelé, ontem, aqui em Doha. Estive lá. No mínimo, constrangedor. Coube ao simpático lateral-direito argentino Javier Zanetti fazer um belo discurso de reconhecimento sem bandeira, como ele mesmo frisou, ao craque internado no Hospital Albert Einstein, em São Paulo.

Não foi por falta de opção. Há muitos ex-jogadores brasileiros em Doha. Portanto, qual é a razão do W.O? O cachê era pequeno? Desinteresse? Provavelmente porque muito cedo, às 10h30, e ninguém quis acordar para homenagear Sua Majestade. Simplesmente inadmissível.

Sugestão da Conmebol

No evento em homenagem a Pelé em Doha, no Catar, a Conmebol expôs um modelo antigo da camisa da Seleção Brasileira, ainda com a sigla da antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD), a CBF da época, aplicando a ideia de trocar as três primeiras estrelas da Amarelinha por corações. A mudança seria na representação dos títulos conquistados nas edições da Copa do Mundo de 1958, a primeira, na Suécia, de 1962, o bicampeonato, no Chile, e de 1970, o tri, no México. Nas três primeiras oportunidades em que o Brasil voltou para casa com a taça de campeão, o Rei do Futebol vestiu a camisa 10 do time tupiniquim e foi uma das referências técnicas da equipe nos gramados.



João Vitor Marques/EM/D.A. Press

GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C	GRUPO D	GRUPO E	GRUPO F	GRUPO G	GRUPO H
Holanda 7	Inglaterra 7	Argentina 6	França 6	Japão 6	Marrocos 7	Brasil 6	Portugal 6
Senegal 6	Estados Unidos 5	Polônia 4	Austrália 6	Espanha 4	Croácia 5	Suíça 6	Coreia do Sul 4
Equador 4	Irã 3	México 4	Tunísia 4	Alemanha 4	Bélgica 4	Camarões 4	Uruguai 4
Catar 0	País de Gales 1	Arábia Saudita 3	Dinamarca 1	Costa Rica 3	Canadá 0	Sérvia 1	Gana 3

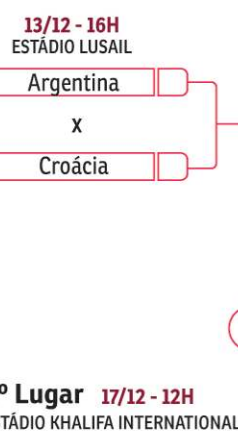
Oitavas de Final



Quartas de Final

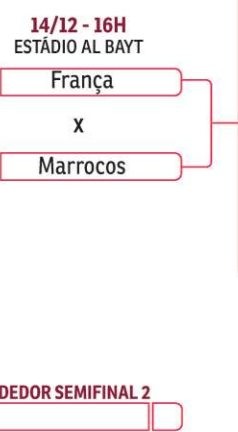


Semifinal 1



FINAL
Ganhador semifinal 1 vs Ganhador semifinal 2
ESTÁDIO LUSAIL
18/12 - 12H
CAMPEÃO

Semifinal 2



Oitavas de Final

